



(MAYBE SOMEDAY)

THIRTEEN

UM DIA

COLLEEN HOOVER



Obras da autora publicadas pela Galera Record

Série Slammed

Métrica

Pausa

Essa garota

Série Hopeless

Um caso perdido

Sem esperança

Em busca de Cinderela

O lado feio do amor

Nunca jamais

Talvez um dia

COLLEEN HOOVER

TALVEZ

UM DIA

(MAYBE SOMEDAY)

Tradução:
Natalie Gerhardt

1ª edição

— **Galera** —

Rio de Janeiro | 2016

Star Books Digital

The logo features a teal-colored graphic element resembling an open book or a stylized bracket positioned beneath the text. To the right of this graphic, there are two small, adjacent squares: a purple one on the left and a pink one on the right.

Star Books Digital

<https://t.me/StarBooksDigital>

<https://t.me/SBDLivros>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H759t

Hoover, Dolleen

Talvez um dia [recurso eletrônico] / Dolleen Hoover ; tradução Natalie Gerhardt. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2016.

recurso digital

Tradução de: Maybe someday

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-09175-8 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Gerhardt, Natalie. II. Título.

16-33975

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:

Maybe someday

Copyright © 2014 Colleen Hoover

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editoração eletrônica versão impressa: Abreu's System

Adaptação de capa: Renata Vidal

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente

para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09175-8

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.



EDITORA AFILIADA

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Carol Keith McWilliams

Sumário

[Conteúdo especial](#)
[Prólogo](#)

- [1.](#)
- [2.](#)
- [3.](#)
- [4.](#)
- [5.](#)
- [6.](#)
- [7.](#)
- [8.](#)
- [9.](#)
- [10.](#)
- [11.](#)
- [12.](#)
- [13.](#)
- [14.](#)

- [15.](#)
- [16.](#)
- [17.](#)
- [18.](#)
- [19.](#)
- [20.](#)
- [21.](#)
- [22.](#)
- [23.](#)
- [24.](#)
- [25.](#)

[Agradecimentos](#)

Conteúdo especial

Querido leitor,

Talvez um dia é mais do que apenas uma história. É mais do que apenas um livro. É uma experiência que estamos muito animados e gratos por poder compartilhar com você.

Tive o prazer de trabalhar com o músico Griffin Peterson para produzir uma trilha sonora que acompanha este romance. Griffin e eu trabalhamos juntos para dar vida a esses personagens e as letras da vida deles para que você possa vivenciar a experiência máxima da leitura. É recomendável que escute as músicas na ordem em que aparecem no livro. Use, por favor, o QR Code abaixo para conhecer a trilha sonora de *Talvez um dia*. Esse código dará acesso às músicas e também a um conteúdo extra, caso queira conhecer mais sobre a colaboração e implementação desta inovação.

Agradecemos por você participar do nosso projeto. Para nós, foi incrível criar isso e esperamos que você tenha uma experiência tão incrível quanto a nossa.

Colleen Hoover e Griffin Peterson



Para ouvir as músicas, clique no código QR acima e aproveite.

Você também pode visitar o site www.maybesomedaysoundtrack.com para ter acesso ao conteúdo.

Prólogo

Sydney

Acabei de dar um soco na cara de uma garota. E não foi o de uma garota *qualquer*. Foi o da minha melhor amiga, com quem divido o apartamento.

Bem, cinco minutos depois, acho que devo chamá-la de *ex-colega* de apartamento.

O nariz dela começou a sangrar quase imediatamente e, por um segundo, me senti mal por ter batido nela. Mas, então, lembrei-me de que ela era uma traidora filha da puta e me deu vontade de lhe dar outro soco. E eu teria feito isso se Hunter não tivesse evitado, se colocando entre nós duas.

Por isso, dei um soco *nele*. Mas, infelizmente, não o machuquei. Não tanto quanto a minha mão.

Socar alguém dói muito mais do que eu imaginava. Não que eu tenha passado muito tempo imaginando como seria dar um soco em alguém. Embora eu esteja sentindo esse impulso novamente enquanto olho fixo para a mensagem de texto que acabei de receber de Ridge. Ele é outra pessoa com quem quero acertar as contas. Sei que, tecnicamente, Ridge não tem nada a ver com a situação difícil que estou enfrentando, mas ele poderia ter me avisado um pouco antes. Portanto, gostaria de dar um soco nele também.

Ridge: Td bem? Quer vir para cá até parar de chover?

É claro que não quero. Minha mão já está doendo muito, e se eu subisse até o apartamento dele, ficaria doendo ainda mais depois que acertasse as contas com ele.

Eu me viro e olho para a varanda dele. Ridge está apoiado na porta de correr de vidro, me observando com o celular na mão. Está quase escurecendo, mas as luzes do pátio iluminam seu rosto. Seus olhos escuros encontram os meus e seus lábios se abrem em um sorriso suave e arrependido, o que quase me faz esquecer por que estou chateada com ele. Ridge passa sua mão livre no cabelo para afastar uma mecha da testa, revelando ainda mais sua expressão preocupada. Ou talvez seja apenas arrependimento. Como deveria ser.

Decido não responder e ignorá-lo. Ele balança a cabeça e dá de ombros, como se dissesse *eu tentei*. Depois volta para dentro do apartamento e fecha a porta.

Guardo o celular no bolso antes que o aparelho fique molhado e dou uma olhada em torno do pátio do condomínio de apartamentos onde moro há dois meses. Quando nos mudamos, o verão quente do Texas devorava os últimos resquícios da primavera, mas este pátio ainda parecia se apegar à vida. Vibrantes hortênsias violetas e azuis ladeavam os caminhos que levavam às escadas e à fonte no centro do pátio.

Agora que o verão havia chegado ao seu auge nada atraente, a água da fonte já tinha evaporado. As hortênsias não passam de uma lembrança triste

e murcha da animação que senti quando Tori e eu nos mudamos para cá. Olhar para o pátio neste momento, derrotado pela estação, é um paralelo sombrio em comparação com a forma que estou me sentindo. Derrotada e triste.

Estou sentada na beirada da fonte vazia de cimento, com os cotovelos apoiados nas duas malas que contêm a maior parte dos meus pertences, esperando o táxi me buscar. Não faço ideia para onde vai me levar, mas sei que prefiro estar em qualquer lugar que não seja este aqui. Que basicamente é sem um teto para morar.

Eu poderia ligar para os meus pais, mas isso apenas lhes daria munição para começar a jogar na minha cara *Nós avisamos*.

Nós avisamos para você não se mudar para tão longe, Sydney.

Nós avisamos para você não namorar sério com aquele cara.

Nós avisamos que se você tivesse escolhido o curso preparatório de Direito em vez da música, estaríamos pagando para você.

Nós avisamos para quando socar alguém, deixar o polegar para fora do punho.

Tudo bem, talvez nunca tenham me ensinado as técnicas adequadas para socar alguém, mas se eles sempre têm razão, bem que *deveriam*.

Cerro o punho e, em seguida, estico os dedos. Então cerro novamente. Fico surpresa com o fato de minha mão estar tão dolorida e tenho certeza de que eu deveria colocar gelo. Sinto pena dos garotos. Socar é uma merda.

Sabe o que mais é uma merda? Chuva. Sempre encontra a pior hora para cair, como neste momento que estou sem teto.

O táxi finalmente chega, e me levanto para pegar minhas malas. Eu as puxo atrás de mim, enquanto o motorista abre o porta-malas. Antes mesmo de entregar para ele minha primeira mala, sinto o coração afundar no peito quando percebo que nem estou com minha bolsa.

Merda.

Olho em volta para onde eu estava sentada com as malas, depois apalpo meu corpo como se a bolsa fosse aparecer num passe de mágicas pendurada em meu ombro. Mas sei exatamente onde ela está. Eu a tirei do ombro e larguei no chão logo antes de acertar um soco em Tori bem no seu nariz caro, parecido com o da Cameron Diaz.

Suspiro. E começo a rir. É claro que eu tinha que ter largado minha bolsa. Meu primeiro dia como sem teto teria sido fácil demais se eu estivesse com ela no ombro.

— Desculpe — digo para o motorista do táxi, que está carregando minha segunda mala. — Mudei de ideia. Não preciso de um táxi agora.

Sei que tem um hotel a menos de um quilômetro daqui. Se eu ao menos conseguir tomar coragem para entrar e pegar minha bolsa, vou até lá e pego um quarto até decidir o que fazer. Eu não tenho como ficar mais encharcada.

O motorista tira as malas do carro, coloca-as à minha frente no meio-fio e segue para a porta do carro sem sequer olhar para mim. Ele apenas entra no carro e vai embora, como se meu cancelamento fosse um alívio.

Será que pareço tão patética assim?

Pego as malas e volto para o lugar onde eu estava antes da chegada do táxi. Olho para o meu apartamento e me pergunto o que aconteceria se eu voltasse para pegar a minha bolsa. Eu meio que deixei as coisas caóticas quando saí. Acho que preferia ficar sem teto na chuva do que ter que voltar para lá.

Eu me sento novamente em cima da mala e penso em minha situação. Eu poderia pagar para alguém subir lá no meu lugar. Mas quem? Não tem ninguém aqui fora, e vai saber se Tori ou Hunter entregariam minha bolsa para a pessoa.

Que merda. Sei que vou ter que acabar ligando para algum dos meus amigos, mas, agora, estou envergonhada demais para contar a alguém como fui ingênua durante esses dois anos. Fui pega totalmente de surpresa.

Eu já estava odiando estar com 22 anos, e ainda tinha 364 dias pela frente.

Estou tão na merda que comecei a... *chorar*?

Que ótimo. Estou chorando. Sou uma garota chorona, violenta, sem bolsa e sem ter onde morar. E por mais que eu não queira admitir, acho que também estou com o coração partido.

Sim. Estou soluçando. Acho que é assim que as pessoas se sentem quando estão com o coração partido.

— Está chovendo. Ande logo.

Ergo o olhar e me deparo com uma garota diante de mim. Ela está segurando um guarda-chuva e me olhando um pouco agitada, alternando o peso do corpo de uma perna para outra enquanto espera que eu faça alguma coisa.

— Estou ficando ensopada. *Rápido*.

O tom dela é um pouco ríspido, como se me fizesse um favor e eu estivesse sendo ingrata. Ergo uma sobrancelha enquanto a observo,

protegendo com a mão meus olhos da chuva. Não sei por que ela está reclamando de se molhar, considerando que não está usando muita roupa para molhar. Está praticamente nua. Olho para sua camiseta cuja parte inferior é inexistente e percebo que ela está usando o uniforme sensual das garçonetes do restaurante Hooters.

Será que esse dia poderia ficar ainda mais esquisito? Estou sentada em cima de praticamente tudo o que tenho debaixo de uma chuva torrencial, e recebendo ordens de uma garçonne arrogante do Hooters.

Ainda estou olhando fixo para a sua camiseta, quando ela agarra minha mão e me puxa, irritada.

— Ridge me disse que você ia fazer isso. Tenho que ir trabalhar. Venha comigo que eu mostro onde fica meu apartamento.

Ela pega uma das minhas malas, levanta a alça e a empurra para mim. Pega a outra e sai andando depressa pelo pátio. Eu a sigo apenas porque ela está levando uma das minhas malas e a quero de volta.

Ela grita por cima do ombro enquanto começa a subir a escada:

— Não sei por quanto tempo você pretende ficar, mas tenho só uma regra. Fique longe do meu quarto.

Ela chega a um apartamento e abre a porta sem sequer olhar para trás para confirmar se eu a segui. Quando chego ao topo da escada, paro do lado de fora do apartamento e observo uma samambaia aparentemente não afetada pelo calor. Suas folhas frondosas e verdes demonstram a recusa de sucumbir ao calor. Sorrio para a planta, sentindo certo orgulho dela. Mas depois franzo o cenho ao perceber que estou com inveja da resistência de uma planta.

Balanço a cabeça, desvio o olhar e dou um passo hesitante para entrar naquele apartamento desconhecido. A planta parece com a do meu apartamento, só que este tem quatro quartos. O meu e de Tori só tinha dois quartos, mas a sala é do mesmo tamanho.

A outra diferença notável é que não vejo nenhuma vadia mentirosa e com nariz sangrando por aqui. Nem a louça suja e as roupas sujas de Tori espalhadas pela casa.

A garota deixa minha mala ao lado da porta, depois dá um passo para o lado e espera que eu... Bem, não sei o que espera que eu faça.

Ela revira os olhos e agarra meu braço, me puxando.

— Mas o que é que tem de errado com você? Você fala? — Ela começa a fechar a porta atrás de si, mas para e me encara com olhos arregalados. Ela

ergue um dedo. — Espere aí. Você não é... — A menina revira os olhos e dá um tapa na própria testa. — Ai, meu Deus. Você é surda.

Hein? Qual é o problema dessa garota? Nego com a cabeça e começo a responder, mas ela me interrompe.

— Sério, Bridgette — murmura ela para si mesma. Depois esfrega o rosto e resmunga, ignorando completamente o fato de eu estar balançando a cabeça. — Às vezes, você é uma escrota insensível.

Uau. Essa garota tem sérios problemas para lidar com pessoas. Ela é mesmo um pouco escrota mesmo que se esforce para não ser. Agora ela acha que sou surda, nem sei como responder. Ela meneia a cabeça como se estivesse decepcionada consigo mesma, e então olha diretamente para mim.

— EU... TENHO... QUE... IR... TRABALHAR... AGORA! — berra a plenos pulmões e bem devagar. Faço uma careta e dou um passo para trás, o que deveria ser uma grande dica de que eu consigo ouvi-la praticamente gritando, mas a garota não nota. Ela aponta para uma porta no fim do corredor. — RIDGE... ESTÁ... NO... QUARTO... DELE!

Antes que eu tenha a oportunidade de pedir para que pare de gritar, ela sai do apartamento e fecha a porta.

Não sei o que pensar. Nem o que fazer. Estou em pé, toda encharcada, no meio de um apartamento desconhecido, e a única pessoa além de Hunter e Tori que tenho vontade de socar está a poucos metros de distância em outro quarto. E, por falar em Ridge, por que diabos ele mandou sua namorada maluca ir atrás de mim? Pego meu celular para mandar uma mensagem para ele no instante em que a porta do seu quarto se abre.

Ele anda pelo corredor carregando cobertores e um travesseiro. Assim que faz contato visual comigo, eu arquejo. Mas espero que ele não tenha notado. É que eu nunca o tinha visto assim tão de perto, e ele é ainda mais bonito próximo do que quando eu o via do outro lado do pátio.

Acho que eu nunca tinha visto olhos capazes de falar. Nem sei ao certo o que quero dizer com isso. Apenas parece que se ele me observasse por um instante com aqueles olhos escuros, saberia exatamente o que precisavam que eu fizesse. São penetrantes e intensos... Ai, meu Deus, estou encarando ele.

Ridge sorri com o canto da boca ao passar por mim e segue direto para o sofá.

Apesar da sua expressão atraente e um pouco inocente, sinto vontade de gritar com ele por ser um traíra. Ele não deveria ter esperado mais de duas

semanas para me contar. Eu poderia ter a chance de planejar isso tudo um pouco melhor. Não entendo como foi possível conversarmos por duas semanas sem ele ter sentido a necessidade de me contar que minha melhor amiga e meu namorado estavam transando.

Ridge joga os cobertores e o travesseiro no sofá. — Não vou ficar aqui, Ridge — digo numa tentativa de impedir que ele perca tempo com hospitalidade.

Sei que ele está com pena de mim, mas mal o conheço, e eu me sentiria muito mais à vontade em um quarto de hotel do que dormindo em um sofá estranho.

Mas preciso ter dinheiro para ficar em um quarto de hotel.

Algo que não tenho no momento.

Algo que está dentro da minha bolsa, do outro lado do pátio, em um apartamento com as duas únicas pessoas do mundo que não quero ver agora.

Talvez o sofá não seja uma ideia tão ruim afinal de contas.

Ele o arruma e se vira, dando uma olhada nas minhas roupas encharcadas. Olho para baixo e noto que há uma poça se formando no chão.

— Ah, desculpe — murmuro. Meu cabelo está grudado no rosto; minha camiseta é apenas uma patética barreira transparente para o mundo ver meu sutiã rosa totalmente perceptível. — Onde fica o banheiro?

Ele indica a porta com a cabeça.

Eu me viro, abro uma das malas, e começo a remexer nas coisas, enquanto Ridge volta para seu quarto. Fico feliz por ele não fazer perguntas sobre o que aconteceu depois da conversa que tivemos mais cedo. Não estou a fim de falar sobre isso.

Escolho uma calça de yoga e uma regata, depois pego minha nécessaire e sigo para o banheiro. Fico incomodada com o fato de que tudo neste apartamento me faz lembrar do meu, com apenas algumas sutis diferenças. Este é o mesmo banheiro, tipo suíte canadense, com porta para os dois quartos ao seu lado. Um deles obviamente é o de Ridge. Estou curiosa para saber a quem pertence o outro quarto, mas não o bastante a ponto de abrir a porta. A única regra da garçonete do Hooters é ficar longe do seu quarto, e ela não parece o tipo de pessoa que você queira enfrentar.

Fecho e tranco a porta que dá para a sala, e faço o mesmo com as portas que dão para os outros quartos, para me certificar de que ninguém vai entrar. Não faço ideia se mais alguém, além de Ridge e da garçonete do Hooters, mora neste apartamento, mas não quero correr o risco.

Tiro minhas roupas encharcadas e as joga na pia para não molhar o chão. Ligo o chuveiro e espero a água esquentar. Vou para debaixo da ducha quente e fecho os olhos, grata por não estar mais sob a chuva. Ao mesmo tempo, não estou muito feliz por estar aqui.

Nunca poderia imaginar que meu aniversário de 22 anos fosse terminar comigo tomando banho em um apartamento desconhecido e dormindo no sofá de um cara que conheço há apenas duas semanas, e tudo isso por causa das duas pessoas com quem eu mais me importava e em quem mais eu confiava no mundo.

1.

DUAS SEMANAS ANTES

Sydney

Abro a porta de correr da varanda e saio do apartamento, grata pelo sol já ter baixado atrás do prédio ao lado, deixando o ar mais fresco e uma temperatura que poderia muito bem ser de outono. Quase na mesma hora, o som do violão dele percorre o pátio assim que me acomodo na

espreguiçadeira. Digo para Tori que venho aqui fora fazer o dever de casa, porque não quero admitir que o violão é o único motivo que me faz sair pontualmente às oito horas todas as noites.

Já faz algumas semanas que o cara do apartamento do outro lado do pátio se senta na varanda e toca por pelo menos uma hora. Eu sempre estou sentada do lado de fora para ouvir.

Notei que alguns vizinhos também ficam na varanda enquanto ele toca, mas ninguém é tão leal quanto eu. Não entendo como é que alguém pode ouvir essas músicas e não sentir vontade de ouvi-las todos os dias. Mas a música sempre foi uma das minhas paixões, então, talvez eu só esteja um pouco mais enfeitiçada pelo som do que as outras pessoas. Toco piano desde que me entendo por gente e, embora nunca tenha mostrado para ninguém, adoro compor. Cheguei inclusive a trocar de curso na faculdade há dois anos. Quero ser professora de música do ensino fundamental, mas se meu pai tivesse conseguido me convencer, eu teria continuado no curso preparatório de Direito.

— Uma vida medíocre é um desperdício — dissera ele quando contei que estava trocando de curso.

Uma vida medíocre. Acho isso mais divertido do que ofensivo, pois meu pai parece ser a pessoa mais insatisfeita que conheço. E ele é advogado. Vai entender...

Uma das músicas que já me é familiar termina, e o cara com o violão começa a tocar algo novo. Eu já estava acostumada com sua seleção não oficial, porque ele parecia ensaiar as mesmas músicas em ordem todas as noites. No entanto, nunca ouvi esta canção específica. O modo com que repete os mesmos acordes me faz imaginar que ele estava compondo naquele momento. Gosto de estar testemunhando isso, principalmente porque depois de apenas alguns acordes, tornou-se minha favorita. Todas as músicas parecem ter sido compostas por ele. Fico me perguntando se ele toca em algum lugar ou se apenas compõe por prazer.

Eu me inclino para a frente na cadeira, apoio o braço na beirada da varanda e olho para ele. Sua varanda fica bem do lado oposto do pátio, distante o suficiente para eu não me sentir estranha de estar observando, mas perto o bastante para me certificar de que Hunter nunca está por perto. Acho que Hunter não gostaria de saber que tenho uma queda pelo talento desse cara.

Mas não posso negar. Qualquer um que veja como esse garoto toca de forma apaixonada se sentiria desse jeito. O modo como ele mantém os olhos fechados o tempo todo, concentrando-se totalmente em cada uma das cordas do violão. Gosto ainda mais quando ele se senta com as pernas cruzadas e posiciona o violão em pé entre elas. Ele o apoia no peito e toca como se fosse um contrabaixo acústico, o tempo inteiro de olhos fechados. É tão fascinante assistir que, às vezes, me flagro prendendo a respiração, e quase não percebo até arfar em busca de ar.

O fato de ser bonito também não ajuda. Pelo menos daqui parece bonito. Seu cabelo castanho-claro é indomável e se mexe junto com ele, caindo na testa toda vez que olha para o violão. Ele está longe demais para eu conseguir distinguir a cor dos seus olhos ou os traços do rosto, mas esses detalhes não importam quando comparados com sua paixão pela música. O cara tem uma confiança que considero irresistível. Sempre admirei músicos capazes de se desligar de tudo e de todos à sua volta e de se concentrar totalmente na própria música. Ser capaz de se desligar do mundo e de permitir se levar por completo é algo que sempre quis ter confiança para fazer, mas simplesmente não tenho.

Esse cara tem. Ele é confiante e talentoso. Sempre tive um fraco por músicos, porém, era mais como uma fantasia. Eram um tipo diferente. Um tipo que raramente dava bons namorados.

Ele olha para mim como se fosse capaz de ouvir meus pensamentos, depois um sorriso surge lentamente em seu rosto. Ele não para de tocar em momento algum enquanto fica olhando para mim. O contato visual me faz corar, então pego meu caderno e baixo os olhos. Odeio o fato de ele ter me flagrado encarando-o de forma tão intensa. Não que eu estivesse fazendo algo de errado, só achava que devia ser estranho que ele soubesse que eu estava assistindo enquanto tocava. Arrisco olhar outra vez e ele continua me encarando, só que não está mais sorrindo. O jeito que me olha faz meu coração disparar, por isso desvio os olhos para o caderno.

Você está parecendo uma doida, Sydney.

— Aí está minha garota — diz uma voz acolhedora atrás de mim.

Me viro para encontrar Hunter vindo para a varanda. Tento disfarçar o meu choque ao vê-lo, porque tenho certeza de que eu deveria lembrar que ele viria.

Para a remota possibilidade de o Cara do Violão ainda estar olhando, me esforço para parecer bem envolvida no beijo de Hunter para talvez

parecer menos doida e mais uma pessoa que está apenas relaxando na varanda. Passo a mão no pescoço de Hunter quando ele se inclina por trás da cadeira e me beija.

— Chegue um pouco para a frente — pede Hunter, empurrando meu ombro.

Faço o que ele pede e escorrego um pouco na cadeira para que ele possa erguer a perna e se acomodar atrás de mim. Ele me puxa e me encosto em seu peito enquanto ele coloca os braços em volta de mim.

Meus olhos me traem quando o som do violão para abruptamente, e olho outra vez para o outro lado do pátio. O Cara do Violão está nos encarando sério enquanto se levanta e entra no apartamento. Ele está com uma expressão esquisita. Quase zangada.

— Como foi a faculdade? — pergunta Hunter.

— Chato demais para eu querer te contar. E você? Como foi o trabalho?

— Interessante — responde ele, afastando meu cabelo do pescoço. Depois pressiona os lábios e desce até a base do pescoço.

— O que foi tão interessante?

Ele me abraça mais forte e apoia o queixo no meu ombro, enquanto me puxa para perto.

— Aconteceu uma coisa muito estranha no almoço — conta ele. — Eu estava com um colega em um restaurante italiano. Estávamos comendo do lado de fora e eu tinha acabado de perguntar ao garçom o que ele recomendava para a sobremesa quando uma viatura da polícia virou a esquina. Pararam bem em frente ao restaurante e dois policiais saíram de arma nas mãos. Começaram a gritar com a gente e nosso garçom exclamou “Merda!”. Ele ergueu lentamente as mãos, e os policiais pularam a cerca em sua direção, jogaram o cara no chão e o algemaram bem na nossa frente. Depois disso, disseram os direitos dele, o fizeram levantar e o escoltaram até a viatura. O garçom se virou para nós e gritou “O *tiramisu* é ótimo!”. Depois, os policiais o colocaram no carro e foram embora.

Virei a cabeça para olhá-lo.

— Sério? Isso aconteceu mesmo?

Ele assente, rindo.

— Juro, Syd. Foi louco.

— E aí? Vocês pediram o *tiramisu*?

— Ah, claro que sim. E foi o melhor que já comi. — Ele me dá um beijo no rosto e logo depois me afasta. — Falando em comida, estou

morrendo de fome. — Ele se levanta e estende a mão para mim. — Vocês cozinham alguma coisa essa noite? Pego sua mão e ele me levanta.

— Só comemos uma salada, mas posso preparar uma para você.

Quando entramos, Hunter se senta no sofá ao lado de Tori. Ela está com um livro da faculdade aberto no colo e divide a atenção entre o estudo e a TV. Tiro alguns potes da geladeira e preparo uma salada para ele. Sinto-me um pouco culpada por ter me esquecido de que ele viria esta noite. Costumo deixar algo pronto quando sei que ele vem.

Já faz quase dois anos que estamos namorando. Eu o conheci no meu segundo ano de faculdade, quando ele já estava no último. Hunter e Tori eram amigos há anos. Depois que ela se mudou para o meu dormitório, nos tornamos amigas e ela insistiu para que eu o conhecesse. Disse que tínhamos tudo a ver, e estava certa. Começamos a namorar depois de dois encontros e tudo era maravilhoso desde então.

É claro que tínhamos nossos altos e baixos, principalmente depois que ele se mudou para um lugar que fica a uma hora de distância. Quando arranhou um emprego em uma empresa de contabilidade no último semestre, sugeriu que morássemos juntos. Mas eu neguei, explicando que queria me formar antes de dar um passo tão grande quanto esse. Para ser totalmente sincera, estou apenas com medo.

Pensar em morar com ele parece algo tão definitivo, como se eu fosse selar meu destino. Sei que assim que tomarmos essa decisão, o próximo passo é o casamento e, depois, nunca mais teremos a chance de morarmos sozinhos. Sempre dividi apartamento com alguém e, até poder me sustentar sozinha, vou morar com Tori. Ainda não contei para Hunter, mas quero passar um ano morando sozinha. Prometi a mim mesma que faria isso antes de me casar. Vou fazer 22 anos daqui a duas semanas, então, não preciso ter pressa.

Levo a salada para Hunter na sala.

— Por que você assiste a esse programa? — pergunta ele a Tori. — Essas mulheres só falam merda uma das outras e brigam o tempo todo.

— É exatamente por isso que assisto — explica Tori sem tirar os olhos da TV.

Hunter pisca para mim antes de pegar a comida, e em seguida apoia os pés na mesa de centro.

— Obrigado, amor. — Ele se vira para a TV e começa a comer. — Pode pegar uma cerveja para mim?

Concordo e volto para a cozinha. Abro a geladeira e dou uma olhada na prateleira onde ele sempre deixa sua cerveja. Percebo que estou olhando para a prateleira “dele”, e que provavelmente é assim que tudo começa. Primeiro, ele tem uma prateleira na geladeira. Depois, deixa uma escova de dentes no banheiro, tem uma gaveta na minha cômoda e, por fim, as coisas dele se misturam com as minhas de tantas formas que se tornará impossível ficar sozinha outra vez.

Esfrego os braços para espantar o incômodo repentino que começo a sentir. Parece que estou assistindo ao meu futuro se desenrolar diante dos meus olhos. Não tenho certeza se gosto do que estou imaginando.

Será que estou pronta para isso?

Será que estou pronta para ele virar o cara para quem levo o jantar todas as noites quando chega em casa do trabalho?

Será que já estou pronta para mergulhar nessa vida confortável com ele? Uma vida em que dou aulas o dia inteiro e ele cuida do imposto das pessoas e, então, chegamos em casa, eu preparo o jantar e “pego cerveja” enquanto ele apoia o pé na mesa de centro e me chama de *amor*, depois vamos para a cama e transamos por volta das nove da noite para não ficarmos cansados demais no dia seguinte, pois temos que acordar cedo e recomeçar tudo de novo?

— Planeta Terra para Sydney — chama Hunter. Ouço ele estalar os dedos duas vezes. — Cerveja? Por favor, amor.

Pego rapidamente a cerveja dele, lhe entrego e vou direto para meu banheiro. Ligo o chuveiro, mas não entro. Em vez disso, tranco a porta e escorrego até o chão.

Temos um bom relacionamento. Hunter é bom para mim, e sei que me ama. Só não entendo por que todas as vezes em que penso em um futuro com ele, esse não é um pensamento animador.

Ridge

Maggie se inclina para a frente e beija minha testa.

Tenho que ir.

Estou deitado de costas com os ombros e a cabeça apoiados na cabeceira da cama. Ela está montada em mim e tem um olhar triste. Odeio o fato de estarmos vivendo tão longe, mas isso faz o tempo que passamos juntos muito mais significativo. Pego sua mão para que ela se cale e a puxo para mim, na esperança de convencê-la a não ir ainda.

Ela ri e balança a cabeça. Depois me beija, mas brevemente, então se afasta de novo. Sai do meu colo, mas não permito que se afaste muito, antes de me virar e prendê-la no colchão com meu corpo. Aponto para o peito dela.

Você, beijo a ponta do seu nariz, tem que ficar mais uma noite.

Não posso. Tenho aula.

Agarro os pulsos dela e os prendo acima da sua cabeça, em seguida encosto os lábios nos dela. Sei que ela não ficará mais uma noite. Maggie nunca faltou sequer uma aula na vida, a não ser que estivesse doente demais para se mexer. Eu meio que queria que ela estivesse doente neste momento, para que pudesse obrigá-la a ficar na cama comigo.

Escorrego minhas mãos devagar pelos seus pulsos, até envolver seu rosto. E a beijo mais uma vez antes de, relutante, deixá-la se afastar.

Vá. E tome cuidado. Me avise quando chegar em casa.

Ela assente e sai da cama. Aproxima-se de mim para pegar sua camiseta. Observo-a andar pelo quarto juntando suas roupas que eu tirara com tanta pressa.

Depois de cinco anos de namoro, a maioria dos casais já estaria morando junto. Entretanto, a cara metade de grande parte das pessoas não é Maggie. Ela é tão independente que chega a intimidar. Mas é compreensível, considerando tudo que já passou na vida. Desde que a conheci, ela cuida do avô. Antes disso, passou a maior parte da adolescência ajudando-o a cuidar da avó, que morreu quando ela estava com 16 anos. Agora que o avô está

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Talvez um Dia"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).